



## **Reflexões sobre *Europa. Magazine mensal*, dirigida e editada por Judith Teixeira**

### ***Reflections on Europa, the monthly magazine directed and edited by Judith Teixeira***

Fabio Mario da Silva

Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE) | Unidade Acadêmica de Serra Talhada | PE | UNESP | Araraquara<sup>1</sup> BR

[fabio.mario@ufrpe.br](mailto:fabio.mario@ufrpe.br)

<https://orcid.org/0000-0002-7034-1260?lang=en>

**Resumo:** *Europa. Magazine mensal*, dirigida e editada por Judith Teixeira, é o ponto de viragem para a tendência modernista da autora. Assim, procura-se analisar de maneira detalhada os únicos três números impressos da revista, observando temáticas e autoria, na tentativa de conjecturar um conjunto de textos que poderiam ser da autora e estariam escondidos sob anonimato ou pseudônimo. Ou seja, tenta-se revelar que Judith Teixeira acreditava que o conteúdo inovador (modernista e vanguardista) de *Europa* interpretaria o desejo dessa nova sociedade portuguesa e europeia, no contexto de turbulência vivido na altura tanto em Portugal quanto na Europa.

**Palavras-chave:** revistas modernistas, *Europa. Magazine mensal*, Judith Teixeira.

**Abstract:** *Europe. A monthly magazine*, directed and edited by Judith Teixeira, marks a turning point in the author's modernist approach. This

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Federal Rural de Pernambuco (PE). Integrante do Grupo de Pesquisas em Dramaturgia, Cinema, Literatura e outras Artes (GPDC-LoA). Este capítulo foi desenvolvido em 2024, durante a realização de um estágio de pós-doutorado na UNESP de Araraquara (SP), sob supervisão da Profa. Dra. Renata Junqueira.

analysis aims to examine in detail the only three printed issues, focusing on themes and authorship, in an attempt to speculate on a set of texts that may have been written by the author and were hidden under anonymity or pseudonym. In other words, the goal is to reveal that Judith Teixeira believed the innovative content (modernist and avant-garde) of *Europe* would reflect the desires of this new Portuguese and European society, within a context of turmoil experienced at the time in both Portugal and Europe.

**Keywords:** modernist magazine, *Europa. Magazine mensal*, Judith Teixeira.

## Introdução

O Modernismo se concretiza através do desenvolvimento tecnológico, das mudanças arquitetônicas e da modificação do entendimento de espaço/tempo nas grandes cidades europeias (na senda de invenções como o automóvel, o rádio, a telefonia, o cinema e o avião). Esse paradigma cultural e estético modifica as percepções culturais, tentando introduzir um novo estilo de vida que surge na segunda metade no século XIX e, ao largo de algumas transformações, atinge o seu ápice no início do século XX, principalmente após a *Belle Époque*. Nos planos social e ideológico, o modernismo se insurge contra a postura de massificação da sociedade burguesa, assente no capitalismo. Por isso, Osvaldo Manuel Silvestre afirma que uma clivagem entre os conceitos de “modernismo” e “vanguarda” provocaria certas rupturas no pensamento cultural:

Enquanto a segunda [a vanguarda], sobretudo na sua face futurista, produz uma tecnopastoral do mundo moderno e da sua exaltação da novidade (a da indústria, da democracia, das ‘massas’), o Modernismo reage em regime tendencialmente apocalíptico – ou então, para recorrer ao moto de James Joyce no *Ulisses*, refugiando-se numa atividade de ‘Silêncio, exílio e manhã’ – à imposição da lógica reprodutiva do capital aos bens artísticos e, mais latamente, a toda a vida do espírito (2010a, p. 473).

Nesse contexto, diversos jornais proliferaram bastante desde oitocentos, bem como muitas revistas, sendo considerada a primeira

delas *Lisboa em 1850*, publicada inicialmente em 11 de janeiro de 1851. Algumas dessas revistas acolhem, segundo Manuela Parreira da Silva, novos movimentos literários, sobretudo no início do século XX, em grande medida devido à decepção com o saudosismo-renascente. *A Águia* (1910-1932), por exemplo, foi um periódico comentado ironicamente por Mário de Sá-Carneiro<sup>2</sup>, despertando – tanto nesse poeta quanto em Fernando Pessoa – uma necessidade de “ter um pouco de Europa na alma” (Silva, 2010, p. 565-566). Por isso, os amigos poetas pensaram uma proposta inovadora, que seria a publicação de um periódico: “*Europa* seria o nome da revista e foi o projecto que, segundo o próprio Pessoa, mais próximo esteve de se concretizar entre muitos sonhados, antes de 1915” (Silva, 2010, p. 566). Contudo, esse desejo de ter uma publicação com o espírito europeu vai se concretizar com a revista *Orpheu* (O 1º número<sup>3</sup> corresponde a janeiro-fevereiro-março de 1915, sob a direção de Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho; o 2.º número cobre o período de abril-maio-junho de 1915 e foi dirigido por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, tendo como editor António Ferro e como autor dos desenhos José Pacheco; o 3.º número foi suspenso, mesmo estando em fase avançada, já que o pai de Sá-Carneiro desiste de apoiar financeiramente a publicação).

Se o projeto malgrado de *Orpheu* foi lançado como uma nova proposta literária, com “desvios” linguísticos e temas fora do senso comum, que veio a chocar os mais conservadores, a *Europa Magazine mensal*, dirigida e editada por Judith Teixeira<sup>4</sup>, tendo como chefe

---

<sup>2</sup> Acerca dos detalhes da participação e importância da colaboração de Pessoa e Sá-Carneiro n’*A Águia*, conferir a tese de doutorado de Paulo Motta Oliveira intitulada *Esperança e decadência: as imagens de Portugal na segunda série de A Águia*, de 1995.

<sup>3</sup> Como bem atenta Manuela Parreira da Silva, a publicação do número 1.º de *Orpheu* se esgota rapidamente e há muitas notas críticas sobre o seu conteúdo, considerado como “literatura de manicómio”, além de comentários reincidentes geralmente associados ao “campo político-social mais do que do literário” (2010, p. 566)

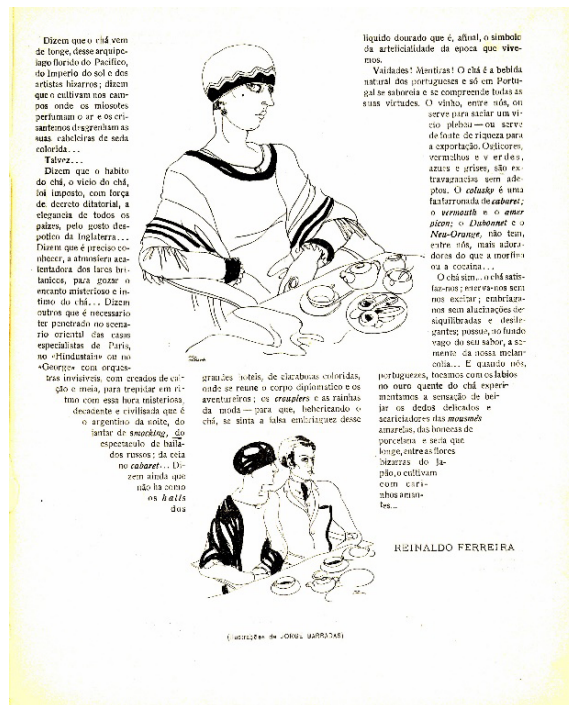
<sup>4</sup> Os três números de *Europa* foram digitalizados e disponibilizados na página “Modern!smo”. Arquivo Virtual da Geração de Orpheu, Direção Geral de Fernando Cabral Martins, seção “Revistas”, *Modern!smo – Arquivo Virtual da Geração de Orpheu*, Ricardo Marques (ed.), IELT-FCSH, Universidade Nova de Lisboa, disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/component/fabrik/details/28/108?Itemid=987>, acesso em: 22 dez. 2022.

da redação José Adolfo Coelho<sup>5</sup>, vem à luz 10 anos após a proposta orphista, em 1925, com um público já habituado às polêmicas e leituras vanguardistas em voga. A iniciativa de Judith Teixeira foi algo ousado: por um lado, trouxe ao público leitor temáticas bem quistas de um senso comum do público burguês mais conservador; por outro, inovou com temas ligados ao erotismo e às artes vanguardistas que começaram a surgir com proposições além das tradicionais.

Observa-se que uma das características de *Europa* é publicar textos curtos, seja de reportagem, literatura ou textos de opinião, quase todos acompanhados de imagens ou ilustrações de alguns pintores conhecidos, como Jorge Barradas (pintor, ceramista, caricaturista e ilustrador). Alguns textos estão em formatos de zigue-zague, rompendo com padrões estéticos de *designer* de páginas:

---

<sup>5</sup> José Adolfo Coelho, além de publicitário, foi tradutor e autor de diversas obras de caráter histórico e social, uma personalidade ligada ao cinema, trabalhou como funcionário do Ministério da Agricultura e produziu alguns filmes, sobretudo de cariz agrícola. Para maiores informações sobre o chefe da redação de *Europa*, conferir o site do Cinept, disponível em <https://www.cinept.ubi.pt/pt/pessoa/2143688609/Adolfo+Coelho>. Acesso em: 14 mar. de 2024.



*Europa. Magazine mensal. N.º 1, abril de 1925.*

*Europa* se destaca como “a única revista com traços estéticos e temáticos modernistas que foi dirigida por uma mulher, Judith Teixeira” (Klobucka, s. d., n. p.).<sup>6</sup> Além da inovação sob a perspectiva de gênero, Sara Afonso Ferreira lembra: “Revista eclética, dirigida a públicos vários e abrangendo diversas áreas do saber, *Europa*, como o seu nome indica, assume-se como publicação cosmopolita interessada na actualidade portuguesa e internacional” (s. d., n. p.).<sup>7</sup> Por seu turno, Juliana Bonilha destaca três motivos importantes para se entender os meandros da revista:

primeiramente, porque permite que se verifique as estratégias de coordenação dos textos nela publicados; segundo, porque gera, do

<sup>6</sup> Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/europa>, acesso em: 02 abr. 2024.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/e/563-europa>, acesso em: 03 abr. 2024.

ponto de vista literário, a possibilidade comparativa entre ela e os demais textos produzidos por Judith; e por fim, porque descortina mais uma das escritoras que permaneceram desvalorizadas por anos pelo cânone literário (2017, p. 265).

É exatamente essa questão apontada por Bonilha, a relação entre os textos da revista e a produção de Judith, um dos pontos a se refletir neste ensaio. Isso porque, apesar de a escritora e editora não assinar textos no magazine, pretende-se estabelecer quais podem ser de sua autoria, no intuito de fixar sua obra completa. A propósito, Anna Klobucka, na sua introdução à revista *Europa. Magazine mensal*, do projeto *M!Modernismo. Arquivo Virtual da Geração de Orpheu*, já suspeita de algum texto que a autora escreveu sob pseudônimo ou anonimamente para o magazine que dirigiu:

Embora Teixeira não assine nenhum dos artigos, contos ou poemas publicados na revista, é mais que provável serem da sua autoria muitos dos textos não assinados ou pseudônimos, de temática diversa (notas editoriais, cultura, desporto, divulgação científica, reportagem, recensões de livros, moda etc.), assim como as legendas das fotografias que ocupam várias páginas de cada número (s. d., n. p.)<sup>8</sup>

Por fim, uma nota n' *O Domingo Ilustrado*, de 7 de junho de 1925, além de destacar que *Europa* é uma edição que honra a imprensa portuguesa, considera que tem importantes colaborações, sendo o primeiro magazine mensal português. É importante lembrar que, como afirma Carlos Ceia, a palavra “magazine” designa uma

publicação periódica, de carácter generalista, com uma capa não cartonada e dirigida, em regra, a um público não especializado. É impresso semanal ou mensalmente. Este tipo de [livro](#) costuma conter artigos escritos, fotografias e anúncios sobre um determinado [assunto](#). Também pode ser de interesse apenas para grupos de pessoas que se interessam por determinado assunto (s. d., n. p.)<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/europa>, acesso em: 02 abr. 2024.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/magazine>, acesso em: 01 mai. 2024.

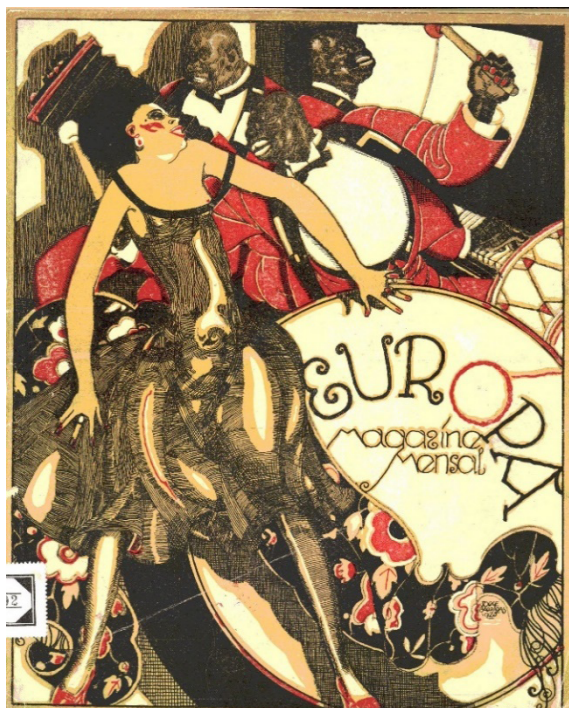
É pelo viés do caráter múltiplo, da qualidade da impressão, de diversas colaborações de escritores, pintores e cartunistas (das imagens que se sobressaem quando se compara, por exemplo, com o semanário *O domingo Ilustrado*) que a qualidade estético-conteudística da revista se sobressai, apesar de, segundo Paula Gomes Guimarães (2023), Portugal estar um pouco atrasado em relação a França, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos que apostavam num grafismo luxuoso. Contudo, apesar do projeto audacioso, só saíram 3 números do magazine e é esse encerramento da revista outra questão que merece reflexão.

### ***Europa* número 1**

O primeiro número de *Europa*, publicado em abril de 1925, vem com um desenho de Jorge Barradas representando a grande artista dos palcos franceses, Josephine Baker<sup>10</sup> e sua jazz-band.

---

<sup>10</sup> Cláudia Pazos Alonso cogita que essa imagem do 1º número pode ter uma associação com António Ferro: “a capa do primeiro número, da autoria de Jorge Barradas, apresenta uma orquestra de negros tocando jazz e uma mulher dançando: porventura pode tratar-se duma alusão à palestra de Ferro ‘A Idade do Jazz Band’, publicada no Brasil, mas cuja segunda edição de 1924 teve uma capa de Bernardo Marques em que contracenam dois músicos” (2015, p. 26).



**N.º 1, abril de 1925. Capa de Jorge Barradas.**

Nos três números do magazine, encontram-se diversas páginas com anúncios (geralmente no início, no final e obrigatoriamente na contracapa da revista) de bancos, de estabelecimentos para tratamento de beleza, de companhias de seguros e máquinas industriais, de empresas de engenharia e propaganda de livros, o que sugere quão importante são esses anúncios para a manutenção do magazine, visto que grandes empresas, como bancos ultramarinos e hotéis, estão entre os que figuram na revista. Indica-se como redação provisória a tipografia de “O sport de Lisboa”, largo do Calhariz, n.º 29, Lisboa, sendo que os números 2 e 3 continuam a indicar o mesmo endereço como local da redação e da administração. Os três números apresentam Judith Teixeira como diretora e editora e José Adolfo Coelho como secretário de redação. Quase todas as fotos, desenhos ou caricaturas vêm com indicação dos créditos, como a foto panorâmica da cidade de Lisboa, feita por Sena Ribeiro, logo nas



primeiras páginas da estreia da revista. Nesse número primeiro, há um destaque para o Salão d'Outono na sociedade Nacional de Belas-Artes, reproduzindo pinturas modernistas de Eduardo Viana, Antonio Soares, Almada Negreiros, Jorge Barradas e Mario Eloy. Há, ao longo de toda a revista, destaque para as fotos de atores, atrizes, bailarinos e bailarinas.

O primeiro texto, “Bugigangas”, que abre o magazine, é de autoria de Victor Falcão e versa sobre muitas coisas: fala-se de objetos orientais e chineses de Camilo Pessanha, que durante a sua peregrinação pelo Oriente juntou um considerado espólio que foi doado ao Estado português. Segundo Falcão, Portugal não soube agradecer à altura o gesto nobre do poeta, denunciando que o espólio doado estaria em caixotes depositos nos armazéns do Museu de Arte Antiga. Assim, Falcão leva a crer que a doação ficará “séculos e séculos” no esquecimento, “isto apesar de se tratar de objectos de arte provenientes da China e de Portugal ser o paiz das chinezissas” (1925, n. p.).<sup>11</sup>

Nesse texto de opinião, Falcão refere-se a um determinado defeito dos portugueses: copiar estilos estrangeiros (o falar afrancesado, o trajar inglês) e, assim, alimentar a necessidade de imitação. Também é comentada a homenagem que se fará em Madri a Camões e o movimento que acontecerá em Lisboa com as vênias a Cervantes.

Victor Falcão elucida também uma amostra de como se sentia a população numa Lisboa industrializada, processo que influenciou a arte modernista de *Orpheu* à *Europa*: “desde que, em petiz, soffri um certo abalo physico por haver tocado com os meus dedinhos mimosos no fio de um telefone, nasceu em mim a certeza de que a electricidade é uma coisa mysteriosa que anda sempre a correr e que não é para brincadeiras...” (1925, n. p.).<sup>12</sup> Essa opinião de Falcão se coaduna com aquilo que Judith

---

<sup>11</sup> Aliás, recorde-se que a própria Judith Teixeira tinha certo fascínio pelo Oriente e pela cultura chinesa, seja na decoração de sua casa (como descreve uma nota anônima publicada na *Ilustração Portuguesa*, 12 a 21 de janeiro de 1922, com o título “Interiores de arte. A casa de Lena de Valois”, na qual se afirma: “sala oriental, forrada inteiramente de brocados e damascos, desde a sala de jantar, de maravilhosa talha Renascença” (1922, n. p.), seja nos próprios versos da autora (como, por exemplo, em “O teu perfil”, poema que alude ao espaço da sua casa: “Gosto mais/ de queimar incenso,/ na minha sala oriental” (p. 80), ou em “O meu chinês”: “tem um ar tão sensual o meu Chinês” que possui “olhos de seda” (Teixeira, 2015, p. 47)

<sup>12</sup> As transcrições de *Europa* seguem a grafia e a acentuação da altura. Por isso, tanto nesta quanto nas próximas referências do magazine não se indicará *sic*.

Teixeira vai escrever em *Da saudade*. Nesse trabalho, a escritora se assume prementemente modernista e nega o sentimento saudoso ao aludir à experiência com a velocidade da tecnologia da altura:

Penso e afirmo-lhes desassombradamente, minhas senhoras e senhores, que neste século em que a rádio telefonia nos pode trazer de países distantes a voz do amante ou do irmão, e os aviões nos levam a percorrer o percurso com poucas horas, a Saudade não deve existir na sua forma doentia e nostálgica (Teixeira, 2015, p. 263).

“Bugigangas” ainda refere a falta de editores arrojados, por isso não há romances publicados suficientes no país, e encerra-se com várias conjecturas sobre realidade, inteligência e sabedoria. Faz-se uma relação entre os conceitos de criação, liberdade e depravação (“ruptura”), dando um ar modernista que a revista e a sua editora naquela altura validavam como arte suprema:

Aquelles que consideram imoral a depravação ignoram que a moralidade é uma coisa tão artificial como o luxo. Os bons costumes são como as camisas das mulheres – servem em qualquer corpo. Ser depravado é ser original. Os imbecis não conseguem nunca ser originaes. A imbelicidade acompanha sempre a chamada ponderação. Um homem imensamente irreflectido é sempre, por conseguinte, um homem immensamente inteligente (1925, n. p.).

O magazine vai então alternando textos de opinião, reportagens e textos ficcionais, alguns deles sem autoria. Por exemplo, o texto intitulado “O instinto dos Bastidores. O que é o interior da casa dum grande ‘detective’”, com ilustração de Cunha Barros, não tem indicação de autoria. Esse texto fala da curiosidade do público em conhecer bastidores, seja de grandes espetáculos de filmes ou da arte dramática, e revela o desejo de espreitar como uma espécie de variante do egoísmo humano. Por isso, imagina-se a invasão ao interior do lar de um grande detetive como Sherlock Holmes. Temendo esse contato, a voz narrativa encerra o texto:

Mas, é melhor determo-nos. Na concepção do estranho e do misterioso a fantasia humana não conhece limites. Vítimas da ilusão cairíamos nas armadilhas da nossa miragem. Estamos já

mui perto do Manicomio. Na nossa cegueira capazes de entrar e não sairmos mais. (1925, n. p.)

A temática do manicômio ou do enlouquecimento aparece em diversos contos e novelas publicados nos três números do periódico. Por isso, a maioria dos textos vão da literatura fantástica à policial. Contudo, é preciso recordar, com Fernando Cabral Martins, que a loucura provocou no público contemporâneo modernista (de *Europa*, certamente) uma novidade, porque acreditava-se na existência de um “enlouquecimento coletivo dos artistas” que se diziam à frente do seu tempo – possivelmente essa seria a perspectiva encarada pelo público leitor mais conservador ao ler o texto anterior de Victor Falcão, que exalta a depravação como elemento de inteligência e avanço humano, sendo que “a loucura para os modernistas deixa de ser considerada uma doença para ser afirmada como um valor.” (Martins, 2016, p. 474)

Já o artigo assinado por Reinaldo Ferreira, com ilustração de Jorge Barradas e intitulado “Como se toma chá em Lisboa”, descreve o clima das tardes no Chiado e as vestimentas das mulheres lisboetas, revelando que o chá embriaga os portugueses sem alucinações: “o chá é a bebida natural dos portugueses e só em Portugal se saboreia e se compreende todas as suas virtudes. O vinho, entre nós, ou serve para sociais, um vício plebeu – ou serve de fonte de riqueza para a exportação” (1925, n. p.). Esse texto dialoga com um outro assinado por Antonio de Cértima, também com ilustrações de Barradas, chamado “Elogio do Chiado”, que também aborda a moda e o clima nesse bairro boêmio que é comparado a uma mulher vaidosa. Encontra-se outro texto de Reinaldo Ferreira, de teor mais ficcional: a novela “Mataram o Duque!”, com ilustrações também de Barradas; após a publicação dessa novela, publica-se a foto de um busto feito por Diogo de Macedo, o mesmo que fez o de Florbela Espanca anos mais tarde, após a morte da poetisa. Outro texto literário é a novela de Julião Quintinha, “A loucura de Lady Mac Russel”, com ilustrações de Bernardo Marques – ilustrador da segunda capa de *Europa* –, que desenvolve temas como a nobreza e a loucura.

Há também reportagens com temas científicos: “O fundo do mar”, que trata da vida marítima em profundidades antes não detectadas pela ciência. Este é um dos poucos trabalhos sem indicação de autor nem de imagem. “A gênese do mundo”, também sem autoria, reproduz fotos de estrelas, cujas imagens foram cedidas pelo professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Ismael dos Santos Andrea, e

comenta os objetos celestes e as últimas descobertas acerca da evolução estelar. A mesma dinâmica ocorre com “A guerra do Futuro”, assinado pelo pseudônimo Phantasius e com ilustrações de Rocha Vieira, texto ficcional com dados históricos. Continuando com o tema bélico, o artigo “A 5.<sup>a</sup> Arma. Um dia de Aviação”, sem autoria de texto e fotos, é uma reportagem sobre material aeronáutico, com foco na aviação portuguesa e composto por imagens de aviadores, indicando que, após a escrita da reportagem e aquando da publicação de *Europa*, ocorreu a tragédia da queda do Breguet n.º 13, causando a morte de José Carlos Piçarra e deixando em estado grave Luís Manuel Caldas. Sabe-se que o tema da aviação chama a atenção de Judith Teixeira, devido ao poema inédito publicado por Alonso e Silva em *Poesia e Prosa de Judith Teixeira* (2015), intitulado “A minha homenagem” e dedicado “A Gago Coutinho e Sacadura Cabral”. O poema, escrito em julho de 1922 – portanto, três anos antes da publicação de *Europa* – diz respeito ao primeiro voo transatlântico dos dois aviadores que chegaram ao Rio de Janeiro a 17 de junho de 1922. Contudo, não se encontram elementos ou ecos, nesse texto anônimo ou nos outros citados, para atribuir a autoria a Judith Teixeira. O mesmo ocorre com a pequena nota acompanhada de duas imagens e intitulada “O monumento ao Marquez de Pombal”, na qual se alude que a escavação a 17 metros de profundidade do monumento detectou algumas moedas do tempo do terremoto de 1755. O cinema também tem destaque no magazine, que parece considerar a sétima arte como a grande novidade de entretenimento: veja-se que há uma reportagem sem autoria e com imagens das instalações do cinema Tivoli, considerado um “cinema moderno”. O texto exalta as características arquitetônicas e o conforto do espaço, bem como a qualidade dos filmes e dos espectadores.

O secretário da redação, José Adolfo Coelho, faz questão de assinar os seus textos. O primeiro deles é ficcional, se intitula “As duas Marquezas” e conta com ilustrações de Barradas. Trata-se de uma novela histórica que fala da tragédia que se abateu sobre os Távoras, acusados de tentativa de regicídio, incluindo Leonor de Távora, a avó da Marquesa de Alorna. Também se publica de Coelho um fragmento de sua antologia teatral intitulada “Humanidade. Tríptico dramático original”, que contém apenas a IV cena e versa sobre o incentivo ao aborto feito por uma senhora a uma jovem que se recusa a empreender tal ato.

De escritoras, encontramos duas peças: o soneto “A ideia”, de Maria Isabel Gamito, autora pertencente ao círculo intelectual e de

amizades de Judith – de fato, o caderno *Versos* traz a seguinte dedicatória (rasurada) de Judith Teixeira: “A Isabel Gamito, à interessante poetisa ao seu talento à sua inteligência com todo o coração e a maior estima o meu livro” (2015, p. 368). Há, nesse número do periódico, o conto “Mais um Padre-Nosso pelas Almas do Purgatório”, de Carolina Homem Christo. Tal conto se passa na serra do Caramujo, na Beira, aonde as amigas se dirigem a um hotel campestre, buscando a recuperação após um período de padecimentos em função da tuberculose, numa narrativa em que aparecem alguns fantasmas.

Vale destacar o artigo de opinião de Motta Cabral sobre “Toiros e Toiradas”, ensaio no qual o autor assume a responsabilidade pelo seu total conteúdo, visto que fala sobre o estado atual dos toureiros e dos espetáculos, refletindo sobre a morte dos animais em espaço de arena e a defesa dos protetores de animais. Afirma-se que o touro é um animal invulgar, de índole nobre e, portanto, mereceria outro tipo de morte. Com esse raciocínio, o autor alega que a influência estrangeira começou a amolecer os costumes, motivo pelo qual faz comparações com as touradas que ocorrem na Espanha e na França ou exalta o “genial Mussolini” para falar da Itália. Isto posto, não concebe que “se lidem toiros sem morte”, considerando decadente essa prática peninsular.

Esse primeiro número da revista se encerra com duas seções: uma intitulada “crônica literária”, que comenta textos de Almada Negreiros, Mota Cabral, Antonio de Cértima, Camilo Castelo Branco, Mario Saa e uma nota mais extensa sobre o “Teatro Novo”, organizado por António Ferro. No fim da nota há a indicação de que foi escrita na cidade “Paris”, o que faz pensar: estaria Judith Teixeira (ou outro colaborador que não quis assinar esse texto) fora de Portugal?

A última seção se intitula “Sport – a situação desportiva”, de Félix Bernardes, e reflete sobre a assistência social, as competições internacionais e o desporto feminino em Portugal. Evidentemente, todos os textos analisados poderiam ser de Judith Teixeira, por ser ela a assumir os dois principais cargos da revista, mas, como há uma dúvida sobre a autoria desse material, mais seguro é não atribuir à escritora os textos, que permanecem como anônimos ou sob pseudônimo.

Por fim, incidindo sua análise sobre esse primeiro número de *Europa*, Juliana Bonilha chega à seguinte conclusão sobre o conteúdo do magazine:

Essa descrição que procura fornecer um panorama sobre o primeiro número da revista *Europa* possibilita que se tire algumas conclusões sobre o periódico. De um lado, temos Judith, escritora bem relacionada no meio literário, fato que possibilitou as colaborações de escritores, artistas e jornalistas de destaque na época de sua publicação. De outro, temos um leitor pretendido, que pode ser entendido como um leitor ou leitora culto, que conhece e aprecia literatura e cultura. O enfoque dos textos é a produção nacional portuguesa, o que confere ao periódico uma atmosfera nacionalista (2017, p. 269).

### ***Europa*, número 2**

Em maio de 1925, vem à estampa o número 2 do magazine, que destaca em sua primeira página uma foto com a seguinte legenda: “Lya de Patty uma das ma’s belas atrizes do cinema”. Esse número continuará a dar destaque ao cinema através de imagens da atriz Elianor Boardman (1898-1991), de Charles Chaplin (1889-1977), de Mae Busch (1891-1946), bem como duas cenas dos filmes *Fim do Duque Ferrante* (de 1922, dirigido por Paul Wegener e Rochus Gliese) e *Dançarina no Nilo*, criação do *metteur en scene* português Xavier Machado. Na capa, o destaque é para uma obra de Bernardo Marques com a representação do mundo infantil de uma criança brincando.



N.º 2, maio de 1925.

O primeiro texto ficcional é assinado por Boris H. Knircha. Intitula-se “A morte do Arlequim” e apresenta a trágica vida da personagem homônima. O segundo texto, intitulado “Lisboa”, também de teor ficcional – um narrador relata o percurso da personagem José Venâncio, um flanador que percorre as ruas de Lisboa –, é de Antonio Alves e traz ilustrações de Bernardo Marques, o mesmo ilustrador da capa do segundo número da revista. Antonio Alves também contribui, no mesmo número, com a novela “O mistério do Paço de Salvaterra”, narrativa que explora a história da família real (D. João VI, Carlota Joaquina, D. Pedro e D. Miguel).

A seguir estão dois ensaios sem autoria. Um deles, com desenho de Adolfo Haussmann, é mais polêmico e aborda a personagem bíblica de Judas Iscariotes. Esse trabalho faz uma reflexão sobre o desprezado homem que traiu Cristo, compadecendo-se da figura do traidor e questionando como ele teria sido usado para servir de propósito à causa

divina. Já o segundo ensaio, intitulado “Foi alguma vez conhecido o segredo de fazer ouro?” e sem indicação de autoria para as ilustrações, descreve o trabalho de alquimia com os metais desde a Grécia Antiga.

Publicam-se um manifesto da pintura belga assinado pelo Grupo Querer, datado de janeiro de 1925, um texto enviado à *Europa* pelo pintor Albert Jourdain e um trabalho de opinião assinado por Reinaldo Ferreira e intitulado “A verdade acerca de Raffles”. Nesse texto, Ferreira afirma que nem todos as personagens de novela são frutos da imaginação de autores, numa tentativa de aguçar a curiosidade dos leitores e leitoras.

Há, seguidamente, dois textos sobre o cinema: o primeiro, sem autoria, aborda a figura de Jackie Coogan, garoto prodígio que fez sucesso ao lado de Chaplin e foi à Europa com os pais para fazer doação aos órfãos de alguns países do continente. Não há suficientes indícios para atribuir a autoria desse texto à poetisa-diretora. O segundo texto é um artigo de opinião assinado sob o pseudônimo Écran. Intitula-se “O despido no cinema” e, segundo o posicionamento crítico de Anna Klobucha, encontram-se nele a sensibilidade artística e a reputação de ousadia erótica atribuídas à diretora da revista. Écran tece reflexões sobre a polémica instaurada na sociedade – e comentada por “maduros ou vadios” – em relação ao nu no teatro, na arte ou na literatura. Por isso, tanto “tolos” como “asnos” “esverrunam o cerebro em busca de argumentos, seja a bem da fictícia moral dominante, seja a pousar para a galeria de satanistas, reprobos e devassos d’orgia barata de cafés e bagaço” (Écran, 1925, p. 16).

Recorde-se que, quando esse texto vem a público, Judith Teixeira já tinha sofrido represálias devido à publicação de *Decadência* (1923), a sua primeira obra literária. Essa perseguição moral instaurada em Portugal é falsa e fictícia segundo Écran, sendo este o mesmo posicionamento que a autora tinha sobre esse movimento conservador, sustentado por instituições ou associações extremistas, como a de estudantes católicos conservadores, e por uma política que estava prestes a instaurar um governo ditatorial. Tal mecanismo repressivo é notado em notícias de jornais, como, por exemplo, o escândalo sobre o baile da “Graça”. Segundo Fernando Curopos, esse baile causou uma celeuma na altura e foi bastante noticiado em jornais, justamente durante o período da famigerada “Literatura de Sodoma”, em 1923, quando estudantes das escolas superiores de Lisboa perseguiram publicações consideradas imorais (além de Judith, a polémica tem como cerne o *Canções*, de António



Botto, e *Sodoma divinizada*, de Raul Leal). Esse baile foi organizado por homossexuais numa escola do bairro da Graça, reproduzindo modelos imitados de Berlim e de Paris no “seio da comunidade *queer*” (Curopos, 2021, p. 57). Ora, quando Écran escreve esse texto sobre o nu e o despido no cinema, refere-se possivelmente à condenação que esse público fez dos que consideraram devassos (artistas, boêmios e lésbicas/homossexuais). Seria provavelmente de Judith Teixeira esse texto.

“O despido no cinema” afirma que os asnos “enchem as bocarras idiotas” com conteúdo para criticar as revistas *Palace*, *Casino em Paris* e *Concert Mayol*, bem como os “tolos” julgam “possível taxar a beleza pagã das cousas, aprisionam o ritmo vencedor da carne nas pautas do bom senso ou nas linhas secas e insossas duma bula, ambos porque chamam o *nú*, quando só os obceca o *despido*” (Écran, 1925, p. 16). O texto afirma que se encontram nos livreiros, nos palcos das revistas, da idade do jazz e nas decorações modernas “guinchos de côr, em fugas de luz”, não sendo, pois, o sereno e magnético “nu acadêmico”, “superior na sua divina beleza ao desejo e à excitação, mas sim o ‘despido’ sabio de contrastes, de perversidades, de incitamentos ao pecado”. Pode-se afirmar, sem exageros, que já não pode haver nu porque todos, nas almas e nos corpos, na mente e na beleza, “andam despidos, perversamente, incitadoramente despidos” (Écran, 1925, p. 15).

Por conseguinte, explica-se: tudo o que se discute, reprova ou defende no teatro é encarado com normalidade, “desenfado” e “frescura” no cinema – e o tema da nudez das mulheres é evocado como exemplo. Mas isso não deveria ocorrer, porque, tal como no teatro, em que as mulheres se despem, no cinema também há público para a estética da nudez, sobretudo entre os homens, que, na penumbra “propícia ao pecado”, assistem dominados, domados e inebriados às formas da mulher sem condenação. Ou seja, respeita-se aquela beleza de mulher no écran como respeitariam uma “excelsa comediante”. Dessa forma, faz-se uma comparação entre o teatro e o cinema, no sentido de entender a relação com a nudez feminina (o nu e o despido) e o público masculino, que ora condena, ora abstém-se de comentários. Por isso, Écran vai afirmar:

É que o teatro é d’ontem, da época do nú, enquanto que o cinema é de hoje e d’amanhã, destas divinas e destrambelhadas eras do ‘despido’, das ‘parures’ excitantes, das malhas de seda afrodisíacas, dos estudos complicados do contraste da carne com a roupa, em que a atitude natural da mulher parece ser aquele

esforço gracioso, frágil, dengue do momento excelso em que o vestido enrugado lhe envolveu os pésitos arqueados como um pedestal perverso de Tanagra extra-moderna. (Écran, 1925, p. 16)

O artigo ainda vai aludir a uma atriz e cantora polonesa de fama mundial, Pola Negri (1897-1987), que foi dirigida pelo cineasta Ernst Lubitsch (1892-1947), produtor de filmes com certo tom erótico, bem como a Rina de Liguoro (1892-1966), que faz à sua personagem, em *Saviti-Sativan*, uma “oferta sublime dos seios perfeitos e nus como duas magnólias beijadas, fazendo do seu corpo único, a argila perfeita” (*idem, ibidem*). Écran conclui, após essas reflexões, que as mesmas famílias (uma referência possível aos senhores burgueses conversados a quem Judith Teixeira se dirige na sua conferência-manifesto *De Mim*, de 1926) que recusariam as publicações *Paris-Plaisir* ou *Felicien Champsau* vão à sala de cinema (no “écran metálico”) ver

um desfile provocante de *girls* de Marck Sevelt, de Gorbam ou de Fox, cingidas nos seus indiscretos maillots, muito despidas em vaporosas combinações e não se ofendem, não gritam moralidades absurdas, porque a beleza que o cinema empresta a tudo, junto com a saúde que tudo exala nessa arte excelsa desta hora jazz-bandesca que passa, domina as paixões baixas e põe beleza *despida* d’hoje no lugar de destaque que tinha o nú sereno e augusto nos grandes palácios de mármore de outras épocas grandiosas e austeras. (*idem, ibidem*)

“Prisioneira da vida” é o terceiro texto ficcional do chefe da redação, José Adolfo Coelho, e traz ilustrações de Eduardo Malta. Trata-se de uma novela que relata o drama de Maria Helena, mulher presa num sanatório por um médico que a ama e que, para ter a sua amada ao seu lado, passa um diagnóstico falso de tuberculose. “Como morreu Edgar Poe”, de Augusto d’Esaúy, reflete sobre os últimos instantes de vida do famoso escritor. Há dois textos de Motta Cabral, que escreveu o polêmico trabalho sobre as touradas no número 1: “Prologo”, uma ode ao Ribatejo e, novamente, um texto intitulado “Toiros e Toiradas”, um artigo de opinião que alude ao andaluz Antonio Cañero, cavaleiro que faz apresentações em Portugal. Já “O caso do doutor Krauss”, assinado por Henrique Roldão e com ilustrações de Eduardo Malta, narra a saga de um sábio com poderes hipnóticos. Seguindo a senda de temas sobrenaturais, o pseudônimo Phantasius, que colaborou também no número anterior,

fala da necessidade humana de entrar em contato com o mundo espiritual. Outro texto de opinião é assinado pelo colaborador frequente Antonio de Cértima, que narra seu encontro com a Condessa Mathieu de Noailles, poetisa e romancista francesa.

Nesse segundo número de *Europa*, há uma série de textos sem autoria e alguns outros sob pseudônimo: “Film do caes”, com ilustração de Bernardo Marques e cliques de Mario Novaes, é uma narrativa sobre a vida nas praias e docas de Lisboa; “Mah-Jong”, por sua vez, comenta a influência dos produtos e da cultura chinesa na Europa; “Valores nacionais. A cortiça” aborda desde a matéria prima, a produção e a comercialização até a indústria portuguesa de cortiça; “Os inimigos da humanidade” refere o instituto bacteriológico Camara Pestana e a produção nacional de soros e vacinas; “Teatro d’hoje” traz uma reflexão sobre o teatro simbolista que veio ocupar o lugar do realista, tendo como expoentes Bernard Shaw (na Inglaterra), George Kayser (na Alemanha) e Luigi Pirandello (na Itália); por fim, figuram novamente um texto com o título “Sport”, aludindo a várias competições esportivas a serem disputadas pelos portugueses, e uma seção intitulada “Cronica literária”, que comenta obras de autores como Beatriz Arnut, Virginia Madeira e Fernando de Almeida e Vasconcelos.

Sob pseudônimo, encontra-se um artigo de opinião intitulado “Elegancias”, assinado por Maria, e que versa sobre os vestidos e estações do ano na capital; e um último, muito importante para a ideia de modernidade defendida em *Europa*, intitulado “A exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais modernas” e assinado por Peregrino. Esse texto fala do embate de forças artísticas e da exposição em Paris, dessa arte moderna que sofre constantes ataques, daí a necessidade de realizar essa exposição e trazer à senda o que os artistas estão realizando para interpretar o seu tempo. Parece que Peregrino está em Paris, pois descreve os pavilhões e as suas estruturas. Assim, apesar de o número 2 de *Europa* ser o que mais conta com textos anônimos e sob pseudônimo, apenas “O despido no cinema” poderia ser atribuído a Judith Teixeira porque possui alguns ecos de sua escrita. A despeito de José Adolfo Coelho ser uma personalidade ligada ao cinema, não há como lhe atribuir os textos sobre essa temática porque ele faz questão de assinar os seus ensaios. Refletir-se-á a seguir sobre o terceiro e último número do magazine, buscando observar as suas temáticas e a possível autoria dos textos sem identificação.

### ***Europa* número 3**

Com uma mulher burguesa (público-alvo do magazine?) estampada na capa de Jorge Barradas, o último número de *Europa* vem a lume em junho de 1925. Curiosamente, uma imagem de figura feminina acompanhada por um vaso que parece sugerir uma das referências a Santo António nas comemorações: o manjerico.



**N.º 3, junho de 1925.**

Apresenta-se, logo na primeira página, uma cena do filme *Helena* (1924), protagonizado pela atriz Edy Darclea (1895-?) e com o seguinte subtítulo: “Uma criação da *Iliada*, executada por Manfred Noa, segundo o argumento de Hans Kyser” (s. a., 1925, p. 1). Tal apresentação revela o extremo e contínuo apreço pela sétima arte. O cinema continuará a ter destaque nesse número, como, por exemplo, num artigo sobre a

cinematografia alemã por Reinaldo Ferreira, que vai a Berlim visitar as instalações dos estúdios Efa-Film, um dos maiores produtores de filmes do mundo e considerado, na altura, um dos maiores e mais perfeitos estúdios da Europa, talvez superior aos dos americanos. O mesmo aconteceu com uma reportagem, sem autoria, sobre o riso no cinema e a difícil arte de fazer rir, principalmente no teatro. Afirma-se que tal empecilho, a falta de riso do público, poderia ocorrer no cinema, mas o “film comico arrebatava hoje as plateias fazendo-as rir durante o longo percurso duma metragem de cinco e seis partes” (s. a., 1925, p. 25). Não que o cinema tivesse inventado algo novo, mas “soube aplicar o velho sistema do anacronismo com uma amplitude que só a sua extensão maravilhosa pode explicar” (*idem, ibidem*), referindo-se, sobretudo, aos filmes feitos pelo ator, comediante, diretor, produtor e roteirista americano Buster Keaton (1895-1966). Seguindo a estética dos outros números, também se reproduzem quadros e desenhos modernistas – mas com menos frequência – de Amadeo de Sousa Cardoso (publica-se também uma foto da viúva do pintor, Lucie Cardoso), um autorretrato de José Carlos Celestino Gomes, o cenário que Almada Negreiros pintou para a revista *Chic-Chic*.

Encontram-se poemas de José Bruges d’Oliveira, “Lisboa, tantos e tal...”, “Sonetos para a ausente”, de Américo Durão, e “Charneca em Flor”, de Florbela Espanca, levantando suspeitas de que Florbela conheceria Judith – se não diretamente, por intermédio do amigo Américo Durão. De literatura, publicam-se: um trecho inédito das novelas *Filhas de Babilónia* sob o título de “Adeus! Adeus”, de Aquilino Ribeiro e com ilustrações de Bernardo Marques; “A Loucura do Jazz”, novela de João de Sousa Fonseca com teor de suspense aliado a uma melancolia e ao enlouquecimento da protagonista; “A mão do Macaco”, novela de Parker e Jacobs, também ela uma narrativa que mantém o leitor numa expectativa pelo que vai acontecer; “E o amor salvou das chamas...”, de Carolina Homem Christo – que também terá a sua foto publicada –, narrativa sobre o envolvimento do missionário Manoel Lacerda com a bailarina sedutora Cladys; “Sevilha city. La primavera Ingleza” por El terrible Perez, texto de inspiração ficcional com fotos e relatos sobre o aclamado cavaleiro andaluz Antonio Cañero, que já tinha sido exaltado numa publicação de Motta Cabral no número 2 da revista; por fim, a seção “Cronica Literária”, que encerra a revista, traz pequenos comentários às obras *Política Portuguesa*, de Bento Carqueja, *Camilo em San Miguel*

de Seide, de Vellozo Araújo (esse autor também terá o seu retrato em destaque na revista), *Legenda dolorosa do Soldado Desconhecido de África*, de Antonio Cértima (o autor mais referenciado em *Europa*, seja assinando textos ou por resenhas críticas de suas obras) e os livros de versos *Jardim do Ocidente*, de Alípio Roma, e *Asas exiladas*, de Aleixo Ribeiro. Contudo, o que prevalece nesse último número de *Europa* são textos de opinião, relatos de experiência e textos científicos, muitos deles sem assinatura ou sob pseudônimo. Encontram-se sem autoria: “Feras e domadores”, com fotos e relatos sobre o zoológico de Lisboa; “Últimas invenções. Um navio sem velas e nem hélices”, que apresenta uma das embarcações mais modernas da altura; “Pedras fataes”, associando o diamante a riquezas e ruínas; “Um triunfo da casa ‘Fairey’”, referência à fábrica que melhor produzia aeronaves na época; sem título e sem autoria, encabeçado pela foto de um carro Morris, há um texto que comenta a fotografia de um carro super veloz e que faz muito sucesso em Lisboa, da marca inglesa Morris Oxford, modelo construído sob a direção do português Antonio de Medeiros e Almeida; além disso, há uma seção sobre arquitetura regional com foto do arquiteto Carlos Ramos e conjuntos habitacionais do bairro de Olhão, no Algarve. Por fim, destaca-se o texto “Elegâncias”, cujas linhas abordam a vestimenta feminina e os seus acessórios que dão “frescura à mulher moderna” (1925, p. 54). Pelo teor discursivo, percebe-se que é uma mulher a escrever o texto, possivelmente Judith Teixeira ou “Maria” – esta última assina um outro texto no número, também ele intitulado “Elegancias”.

Um outro artigo sobre moda feminina e sem autoria intitula-se “Uma curiosa indústria portuguesa”, que trata do espartilho associado ao embelezamento do corpo feminino. O conteúdo e o teor desse trabalho também fazem pensar que a sua autora poderia ser Judith Teixeira. Contudo, não se pode afirmar com precisão se esse texto (ou os outros até aqui citados) pertencem ou não à diretora de *Europa*. Seguindo a temática sobre as mulheres, há um texto assinado pelo colaborador frequente, Antonio de Cértima, com ilustrações de Cunha Barros. O conteúdo discute o domínio amoroso e o mistério feminino. Já “Lisboa-Guiné – rápidas impressões de uma viagem aérea”, do capitão-aviador Pinheiro Correia, é um relato da experiência da travessia entre Portugal e África.

Efetivamente, esse terceiro número também dá destaque a artigos de teor científico: “As revelações da luz”, do Professor Fernando de Almeida e Vasconcelos, discute a nova ciência da análise espectral, cujas

aplicações modificam o conhecimento sobre o universo. Por seu turno, o professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Luís Simões Raposo, assina o texto “Plantas carnívoras” e descreve algumas curiosidades sobre essas plantas.

Por fim, encontram-se dois textos assinados por pseudônimos, um dos quais pode-se supor ser de Judith Teixeira ou ter sido influenciado diretamente por sua escrita. O primeiro se intitula “Como se faz uma peça policial”, está assinado por X e evoca algumas reflexões teóricas sobre esse gênero literário muito em voga na altura. O segundo texto, “Venus... civilisa-se”, é assinado por Écran, pseudônimo que se poderia atribuir à autora. Esse texto deixa mais evidente uma aproximação com a escrita judithiana. O texto utiliza ilustrações de Cunha Barros, com a imagem de uma mulher com o cabelo à *la garçonne*, associando a deusa grega do amor ao novo perfil de mulher moderna, cujo epítome é a francesa. Nesse sentido, chega a afirmar: “o Olimpo, na verdade, civilisa-se! E teve razão Venus em ser a primeira, a mais avançada! A sua nudez radiosa, que o sol da Attica tornava diafana ao tocar os marmores palpitantes saídos dos dedos milagreiros de Fidias, já não interessava” (1925, p. 24). Aqui surge novamente a temática da nudez, tão cara a Judith na sua conferência-manifesto *De Mim. Conferência em que se explicam as minhas razões Sobre a Vida Sobre a Estética Sobre a Moral* (1926) e nas suas poesias, principalmente com a publicação de *Nua – Poemas de Bizâncio* em 1926. Assim, o corpo feminino desnudo é material essencial na obra da autora, uma *voyeur* que sucumbe ao nu e às formas voluptuosas do corpo feminino. Com efeito, há aproximações entre muitos vocábulos desse texto de Écran e a obra judithiana. Veja-se, por exemplo, o poema “Venere coricata”, no qual o eu lírico canta a “nudez estilizada” da mulher Vênus nua do quadro de Tiziano Vecelli (essa deusa também aparece em “A Estátua”); em “Ilusão”, aborda-se “a nudez moça” do corpo da mulher desejada. Em *De Mim*, após comentar trechos sobre o nu feminino refletido por Francisco Lagreca e transcrever o poema “Ilusão”, a autora admite que “a sensualidade que os artistas estilizam nos seus motivos de emoção pode ser criada e sorrida apenas no seu cérebro e filtrada através da sua sensibilidade artística” (2015, p. 290). Pode-se ler essa reflexão como uma tentativa de explicar que a nudez, entendida como bizarra, é também material para a arte. E é exatamente isso que o texto “Venus... civilisa-se” quer discutir: a cena da deusa esculpida, pintada e cantada nas suas formas nuas agora se transforma na imagem da mulher sensual

desse novo mundo que foi o início do século XX. Muitos vocábulos que aparecem no texto assinado por Écran são utilizados por Judith Teixeira, tais como “vibração”, “vida”, “perverso”, “inquietante”, “mãos pálidas”, “pagã”, “seios”, todas essas palavras associadas ao desejo lesboerótico.

## Conclusão

Como já referido num trabalho sobre *Europa. Magazine mensal*, do autor deste ensaio, Judith Teixeira selecionava textos e imagens de autores que ela achava importantes na altura e que conseguiriam traduzir o espírito europeu muito em voga nos anos 20 daquele século. Quando a autora tinha em mente a concepção de arte, buscava “se contrapor à sociedade burguesa tradicional, que ela via como atraso para o desenvolvimento de Portugal” (Silva, 2021, p. 360).

Algumas inquietações surgiram após as reflexões percorridas nesse artigo, como, por exemplo, o porquê do encerramento tão precoce dessa publicação. A revista tinha anunciantes com uma frequência regular (21 no primeiro número, 18 no segundo e 20 no terceiro) e a sua assinatura equivalia a 3 meses de serviço por 21\$50, 6 meses por 41\$00 e 1 ano por 79\$00 – o número avulso custava 7\$50<sup>13</sup>. Ou seja, como a revista foi encerrada precocemente, provavelmente houve prejuízo para quem tenha assinado *Europa* por mais de 3 meses. A conjectura feita por Anna Klobucka, via Sepúlveda, parece viável como justificativa para o fim de *Europa*:

É provável a hipótese, avançada por Torcato Sepúlveda, de que a vida curta da revista se deveria ao seu preço elevado, 7,5 escudos pelo número avulso (e 79 pela assinatura anual), certamente calculado para corresponder aos custos da sua produção esmerada. Por comparação, no mesmo ano, um número da revista *Alma Nova*, também mensal, custava 2,5 escudos; *O Domingo Ilustrado* (semanal) um escudo; e *Renovação* (quinzenal) um escudo e meio. Mas o design ambicioso e aparentemente insustentável da *Europa* em última análise condizia com o perfil da sua diretora, cuja intrepidez artística e intelectual repetidamente

---

<sup>13</sup> Segundo Paula Gomes Guimarães, “um dos hábitos que se acentuavam durante os anos 1920 foi a leitura de magazines semanais ou quinzenais, fruto do aumento das publicações do género” (2023, p.96).



ultrapassaria os limites do socialmente aceitável no ambiente em que lhe coube viver. (s. d., n. p.)<sup>14</sup>

É mais ou menos nessa linha de pensamento que Carlos Ceia argumenta a partir do contexto americano do início do século XX: “apesar das suas elevadas publicações, estes magazines, nos anos 60 e 70, perderam alguma da sua importância, devido aos custos de produção e ao aumento das transmissões de televisão” (s. d. n. p.)<sup>15</sup>.

Após a análise dos três números de *Europa*, permanecem muitos questionamentos: Judith Teixeira compreenderia que os textos não assinados seriam, consequentemente, de sua lavra por assumir a edição e direção da revista, não querendo assinar as matérias por que estaria implícita ao/à leitor/a a sua autoria? Quando assina com o pseudônimo de Écran, estaria se escondendo de polêmicas mais acirradas, já que sofrera perseguição com o caso da Literatura de Sodoma? Teria ela julgado ser mais eficiente não assinar os textos para, assim, atrair um público mais conservador? Será que José Adolfo Coelho só quis assinar os textos ficcionais e não os de opinião e as reportagens anônimas e sob pseudônimos? Esses textos seriam então escritos tanto pela editora e diretora quanto pelo chefe da redação, e por isso não quiseram eles assinar tais textos?

Dos 43 textos de opinião e relatos presentes nos três números de *Europa*, há 28 sem autoria. Há 22 textos ficcionais e 7 textos publicados sob 4 pseudônimos (Écran, Peregrino, Maria, Phantasius). Quase todos os trabalhos sem autoria são não-ficcionais e contam com a predominância de fotografias ou ilustrações sem assinatura, o que revela que não havia a preocupação de dar os créditos aos relatos, textos de opinião e imagens.

Por assumir os dois principais cargos de *Europa*, pode-se atribuir à escritora, no mínimo, uma grande responsabilidade pelo conjunto dos textos vindos a lume. Entretanto, pelos motivos expostos, e como já notara Anna Klobucka, há ecos da escrita de Judith Teixeira em *Europa*, principalmente, como se revelou, nos textos assinados por Écran (“O despido no cinema” e “Venus... civilisa-se”); porém, até agora, não se encontraram provas factuais dessa autoria, mesmo sendo textos que

<sup>14</sup> Disponível em <https://modernismo.pt/index.php/europa>, acesso em: 02 abr. 2024.

<sup>15</sup> Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/magazine>, acesso em: 01 mai. 2024.

revelam uma “dicção” judithiana. Recorde-se também que era comum o uso do pseudônimo e de textos anônimos por diversos motivos desde o final do século XIX, inclusive no período que se chama de Modernismo. Dessa forma, seria normal a poetisa assinar sob pseudônimo (ou escrever anonimamente) textos de opinião com temas polêmicos.

Significativamente, há uma série de textos que versam sobre a indumentária feminina, seus apetrechos e o comportamento das mulheres através dos seus códigos e formas sociais de vestuário, utilizando o bairro do Chiado como exemplo da presença desse novo tipo de mulher, o estilo à *la garçonne*. Sendo assim, pode-se indagar: a maioria do público de *Europa* seria de leitoras? Outro fator a ter em conta é que a loucura e o mistério, temáticas geralmente associadas às mulheres, são predominantes nas novelas.

Em relação às ilustrações, o que mais tem publicações é Bernardo Marques seguido por Jorge Barradas, dois dos colaboradores da *Ilustração* (1903-1924), considerada a revista portuguesa de maior influência e tiragem (cf. Magalhães, 2023). Ou seja, há uma preocupação com a qualidade dos desenhos e justamente Judith Teixeira consegue contribuição de dois já conceituados pintores e ilustradores.

Ao analisar com afincado a revista editada e dirigida por Judith Teixeira, revela-se o viés estético e social que a artista adotara com extrema dedicação a partir de 1925: o Modernismo literário. Isto porque o período literário chamado de Modernismo está diretamente relacionado às manifestações de vanguardas que se consolidam na época em que a poetisa editou *Europa*. Um dos pontos essenciais dessas produções está no fato de que “foram movimentos performativos, usando o teatro, a música, a dança, as palavras (manifestos lidos em voz alta, poesia sonora, etc.) para produzir aquele impacto que imediatamente associamos à vanguarda”, visto que “a vanguarda começa e define o seu perfil por meio da performance” (Silvestre, 2010b, p. 876). Este espírito marcadamente dialogante está presente em *Europa*. Na verdade, são exatamente essas preocupações e assuntos performáticos que vão compor as pautas de *Europa* e o interesse principal de sua editora, que abraçara os movimentos revolucionários como carro-chefe de seu projeto editorial, sem a influência de um saudosismo neorromântico e decadentista<sup>16</sup> já

---

<sup>16</sup> Para um maior aprofundamento sobre a viragem de perspectiva teórico-crítica de Judith Teixeira, consultar os seguintes textos de nossa lavra: “O futurismo em Judith

latente na obra da autora. Por isso, textos sobre cinema, teatro, literatura, artes plásticas, ciência e desenvolvimento tecnológico vão dominando as páginas da revista.

## Referências

ALMEIDA, Bernardo Pinto de. Portugal futurista. In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*. São Paulo: Leya, 2010, p. 671-672.

ALONSO, Cláudia Pazos. Judith Teixeira: um caso modernista insólito. In: TEIXEIRA, Judith. *Poesia e Prosa*. Org. e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva Lisboa: Dom Quixote, 2015, p. 21-38.

CEIA, Carlos. s.v. “Abjecção”, In: *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/magazine>. Acesso em: 02 mai. 2024.

CUROPOS, Fernando. António Botto e Fernando Pessoa nas ruas de trás. In: BASTOS, Margarida Almeida; RIBEIRO, Nuno (Coord.). *António Botto & Fernando Pessoa: poéticas em diálogo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2021. p. 55-73.

MAGALHÃES, Paula Gomes. *Os loucos anos 20. Diário da Lisboa Boémia*. Lisboa: Planeta, 2021.

MARQUES, Ricardo. Vanguarda. In: *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL), coord. de Carlos Ceia, 2010, s.p., ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em: 31 jul. 2024.

MARTINS, Fernando Cabral. A loucura e o génio de Orpheu. In: VILA MAIOR, Dionísio; RITA, Annabela. *100 Orpheu*. Lisboa/Porto/Viscu: Edições Esgotadas, 2016, p. 473-486.

OLIVEIRA, Paulo Motta. *Esperança e decadência: as imagens de Portugal na segunda série de A Águia*. Campinas: Unicamp, 1995. S. A. “Interiores de arte. A casa de Lena de Valois”. In: *Ilustração portuguesa*. Director J. J. da Silva Graça. N.º 831. Lisboa, 21 de janeiro de 1922, s. p. Disponível em: <https://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/OBRAS/>

IlustracaoPort/1922/N831/N831\_master/JPG/N831\_0019\_branca\_t0.jpg. Acesso em: 10 mai. 1924.

SILVA, Fabio Mario da. TEIXEIRA, Judith. In: BALTAZAR, Isabel; CUNHA, Alice;

LOUSADA, Isabel. *Dicionário As Mulheres e a Unidade Europeia*. Lisboa: Assembleia da República, 2021, p. 359- 361.

SILVA, Fabio Mario da. O futurismo em Judith Teixeira. In: VILA MAIOR, Dionísio; RITA, Annabela. *Futurismo*. S. l.: Edições Esgotadas, 2018, pp. 585-592.

SILVA, Fabio Mario da. A saudade em Judith Teixeira. In: SILVA, Fabio Mario da; RITA Annabela; DAL FARRA, Maria Lúcia; VILELA, Ana Luísa; OLIVEIRA, Ana Maria Oliveira (Orgs.). *Judith Teixeira: ensaios críticos. No centenário do Modernismo*. Viseu: Edições Esgotadas, 2017, p. 207-213.

SILVA, Manuela Parreira da. Orpheu. In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*. São Paulo: Leya, 2010, p. 564-568.

SILVESTRE, Osvaldo Manuel. Modernismo. In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*. São Paulo: Leya, 2010a, p. 472-476.

SILVESTRE, Osvaldo Manuel. Vanguarda. In: MARTINS, Fernando Cabral (coord.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português*. São Paulo: Leya, 2010b, p. 875-878.

TEXEIRA Judith. *Poesia e Prosa*. Organização e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Dom Quixote, 2015.

TEIXEIRA, Judith (diretora e editora). *Revista Europa: magazine mensal*. Número 1, abril. Lisboa: tipografia de “O Sport de Lisboa”, 1925. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/component/fabrik/details/28/108?Itemid=987>. Acesso em: 03 mar. 2024.

TEIXEIRA, Judith (diretora e editora). *Revista Europa: magazine mensal*. Número 2, maio. Lisboa: s. l, 1925. Disponível em: <https://modernismo.pt/index.php/component/fabrik/details/28/109?Itemid=987>. Acesso

em: 03 mar. 2024.

TEIXEIRA, Judith (diretora e editora). *Revista Europa: magazine mensal*. Número 3, junho. Lisboa: s. l., 1925. Disponível em: <https://modernismo.pt/images/revistas/pdf/europa-3-web.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024

Data de submissão: 01/10/2024.

Data de aprovação: 30/10/2024.